

Vida acima de tudo: relatos sobre experiências musicais no cotidiano da pandemia.¹

GTE 24 – Sociologia da Educação Musical

Comunicação

Cleiton Luiz Freitas de Oliveira

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Campus Alvorada

cleiton.oliveira@alvorada.ifrs.edu.br

Resumo: No presente texto apresento reflexões sobre as condições impostas pela pandemia causada pela doença do Sars-Cov-2 em quatro experiências diferentes entrelaçadas à prática musical. Argumento a partir de uma visão sociológica da educação musical sobre a importância de não naturalizarmos o momento presente alinhado a uma visão de indissociabilidade entre as relações de aprendizado e prática musical e a experiência social vivida. Apresento inicialmente alguns atravessamentos potencializados pelas condições pandêmicas e em seguida, as vivências em um coletivo musical de rua, na docência em uma instituição de ensino e as experiências como discente em aulas de violão e na pós-graduação. Por fim trago algumas reflexões mais gerais a quais chamo de nós na garganta e breves considerações finais.

Palavras-chave: Pandemia, Cotidiano, Educação Musical.

Introdução

Há aproximadamente um ano e meio vivemos uma pandemia que assola o mundo inteiro e no Brasil acabamos e ultrapassar o impressionante número de seiscentas mil vítimas de uma doença para a qual já existe vacina. Tem se tornado cada vez mais comum conhecermos pessoas vitimadas. Apesar da evidência e gravidade da doença causada pelo Sars-Cov-2, todas as outras enfermidades não deixam de existir e toda experiência de doença se complexifica nessa situação pandêmica.

No texto que apresento a seguir, trago alguns relatos dos entrelaçamentos vividos na experiência da pandemia e as práticas musicais e de docência em música que desenvolvo, apresentando principalmente os desafios e novos condicionamentos impostos. Primeiramente, optei por trazer o exemplo dos ocorridos em um coletivo de música de rua e

¹ Uma versão anterior intitulada “Reinventar o Cotidiano sem naturalizar a pandemia” será publicada em Souza, J. et al. **O cotidiano no cotidiano da pandemia**. 2021. p. 15-20 (no prelo).

em seguida, as vivências como professor de música em uma instituição pública de educação. Como terceiro e quarto exemplos, trago os relatos da minha experiência como estudante de instrumento musical e na pós-graduação. Por fim discuto de forma mais geral os aspectos apresentados, fazendo em seguida algumas considerações finais.

Um coletivo musical “de rua” dentro de casa

Não faz muito tempo que passei a trabalhar como professor de música em uma instituição pública de ensino na região metropolitana vindo morar em Porto Alegre/RS. Além da família e amigos, ficaram há mais de trezentos quilômetros de distância as relações que vinha estabelecendo ao longo de todos os anos como músico e professor de música. O processo de aprender a “viver longe de casa”, em uma metrópole, é desafiador, sobretudo no contexto da pandemia.

No início de 2020, a convite de dois colegas, passei a integrar uma agrupação chamada Tambor Tambora de candombe². A dinâmica própria que possui: a troca precisa de olhares, movimentos e ouvidos plenamente atentos, o choque sentido no corpo pela massa sonora, as partilhas antes, durante e depois do “tocar” se tornaram um marco no meu processo de reconstruir a vida. Realizamos cinco encontros até o início das restrições de convívio social decorrentes da pandemia. Mesmo assim, foi tempo suficiente para iniciar a construir laços de amizade e mudar o sentido de relação com o novo lugar. Após alguns meses nos organizamos de maneira remota para planejar ações e manter os vínculos em encontros semanais. Produzimos uma série de *lives* chamadas *TÍTULO* na rede social *Instagram*, no primeiro semestre de 2020 quando acreditávamos que a pandemia acabaria logo. Organizamos debates sobre o tambor no *ESTADO*, o candombe *AQUI* e na capital uruguaia, Montevideu. Tivemos convidados como *Richard Serraria* e o *tamborileiro* uruguaio Diego Paredes, com presença de sua mãe *Chabela Ramírez*, ícone do candombe uruguaio. Foram momentos significativos de produção de conhecimento musical que ajudou também na divulgação do nosso trabalho coletivo. Planejávamos uma segunda temporada que acabamos não realizando devido à uma saturação sentida coletivamente com o universo da *lives*. Mantivemos a frequência de encontros online semanais para debater os projetos durante a

² Gênero musical afro uruguaio. <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/musica/noticia/2021/10/como-o-candombe-um-ritmo-afro-uruguaio-esta-sendo-resgatado-em-porto-alegre-ckuacq73c0020019mt0lp6fz1.html>

pandemia, o que possibilitou momentos de fortalecimento das bases de amizade e coletividade além de muita discussão e por vezes exaustão pelas condições impostas exclusivamente mediada pelas telas.

A docência em uma instituição de ensino

No IFRS³, Campus Alvorada, instituição de ensino em que trabalho, com a expectativa do fim da pandemia sendo adiada de tempos em tempos, iniciamos uma série de tentativas de retomar os vínculos com os estudantes, no primeiro semestre de 2020, período em que o calendário acadêmico havia sido suspenso. Já conscientes sobre as limitações de muitos estudantes quanto ao acesso à internet, percebemos, também entre os colegas de trabalho, restrições de tempo disponível e espaço favorável à participação de reuniões e outras atividades online.

Uma das primeiras atividades que realizamos de forma *online* foi o Sarau do Sol e da Lua como projeto de extensão que coordenei junto a uma equipe em parceria com o Grêmio Estudantil Dandaras. No seu encerramento em 2021, foi possível observar três fases de execução. Inicialmente em abril de 2020 em encontros de música e poesia no *Instagram* com divulgação na internet e participações espontâneas durante os encontros, feitas sob inscrições por meio do *chat* ou agendadas. Na segunda fase, migramos para o *Facebook* com objetivo de garantir a acessibilidade de participantes surdos com tradução e interpretação em LIBRAS e por perceber que muitos estudantes e comunidade escolar tem mais acesso à esta rede social. A partir do segundo semestre de 2020 houve uma queda gradativa na participação do público. A equipe também avaliou como decorrente de um processo de cansaço generalizado e de acúmulo de atividades, uma vez que passamos a desenvolver ações pedagógicas, ainda que não de forma obrigatória.

Por fim, no final do segundo semestre de 2020 até o mês de março de 2021, realizamos a terceira fase do projeto do Sarau com uma série de oficinas de aproximadamente uma hora e meia de duração. Com a equipe reorganizada após o ingresso de três bolsistas, firmamos uma parceria com o núcleo de ações afirmativas e contamos cada vez menos com a participação dos estudantes e do grêmio devido às demandas de atividades pedagógico-institucionais. Para isso realizamos um árduo trabalho, em pouco tempo hábil para produzir

³ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul.

as oficinas, delimitar temáticas, elaborar critérios para contratações, bem como pesquisar artistas, solicitar *releases*, valores de contratos anteriores e elaborar as justificativas técnicas. Chegamos ao total de nove artistas contratados com um cachê baseado em outros trabalhos pagos com o auxílio institucional à extensão por meio de inexigibilidade de orçamento⁴. Como critérios, estabelecemos que estes deveriam ter um trabalho autoral, que fossem atuantes no *estado* com propostas estéticas em diálogo com questões periféricas, de justiça social e igualdade racial e de gênero, sendo prioritariamente negros, justificando-se pelo alinhamento com a implementação das leis 12.288/2010, 11.645/2008 e 10.639/2003⁵

Desde o início da pandemia, foi possível acompanhar de perto a grave situação de muitos estudantes. Por vezes, antes das flexibilizações e sucessivas reaberturas das atividades econômicas (e até mesmo religiosas ou de laser) alguns de nós, servidores nos envolvemos diretamente na entrega de cestas básicas adquiridas com verba da merenda escolar. Contudo, desde então, não deixamos de ofertar projetos de ensino, pesquisa e extensão envolvendo assuntos de interesse dos estudantes como grupos de leitura, educação antirracista, atividades musicais e outras atividades culturais e ambientais.

Atualmente, com o retorno do calendário acadêmico tenho atuado em dois cursos de ensino médio desenvolvendo a temática das escolhas musicais e identidade e a partir da Interseccionalidade entre gênero, classe e raça e seus desdobramentos no campo musical. Temos realizado a maioria das atividades de forma assíncrona e com a elaboração de comentários curtos dos estudantes em murais colaborativos na plataforma oficial, motivados por trechos de textos de leitura obrigatória, sendo disponibilizados também os textos na Íntegra. Atuo também em um curso de graduação na mesma instituição. Recentemente estamos debatendo sobre os sentidos do silêncio, motivados pelo documentário *Cartola, música para os olhos*⁶ e pela leitura de uma análise desta produção⁷. A turma está realizando uma produção audiovisual autoral buscando expor algum sentido que atribuem ao silêncio. Tenho priorizado a qualidade e o aprofundamento de questões que foram apontadas como de interesse pelos estudantes bem como a realização de debates assíncronos em detrimento

⁴ Quando se faz uma justificativa técnica para aquisição de serviços de terceiros de natureza singular.

⁵ Leis respectivamente: 12.288/2010 - Estatuto da Igualdade Racial; 11.645/2008 - inclui a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena no currículo"; 10.639/2003 – altera a LDB de 1996 para incluir a temática obrigatória da História e Cultura Afro-Brasileira" no currículo.

⁶ Documentário de Lírio Ferreira e Hilton Lacerda (2007).

⁷ PUCCINI, Sérgio. As vozes e o silêncio em Carola, música para os olhos. Revista Rumores, São Paulo, v. 9, n. 18, p. 72-85, 2015.

de encontros síncronos, pois bem se sabe que muitos estão passando por um momento de intensificação de precariedades. De acordo com a opinião dos estudantes estas atividades musicais têm feito muito sentido, contudo, nos casos do ensino médio o número de participantes não excede os 50% chegando à 2/3 no caso da graduação.

As aulas online de instrumento

Desde o início da pandemia, ouvi de algumas pessoas do meu círculo afetivo que “a música tem nos salvado”. Elas, assim como eu, iniciaram um processo de estudo *online* de violão em 2020. Um amigo e professor que vive na cidade de Pelotas, no Sul do Rio Grande do Sul, precisou se reinventar para manter as aulas particulares e adentrou a infinidade de tarefas e tecnologias necessárias para o ensino remoto. Precisou adquirir uma boa iluminação, câmeras, microfones e contratar uma ótima conexão de internet para garantir, transmissões, conteúdo ao vivo, suporte remoto e mais recentemente finalizou a gravação de um curso com mais de setenta aulas. “Nada se compara ao presencial”, dizem tanto o professor, quanto pelo menos outras três estudantes, e eu. São pessoas que moram, em Porto Alegre, Caxias do Sul e Florianópolis. Sem a possibilidade das aulas *online* estes encontros jamais aconteceriam. Contudo, concordamos todos que nada supera a experiência presencial. Valorizamos a energia vital que o *online* não há de superar: o calor humano e o contato sob o qual grande parte das experiências musicais que conhecemos foi sendo construída. Estamos atentos que não se trata de “superar”, mas de reconhecermos outras existências possíveis. Além disso, é preciso ressaltar a qualidade da experiência desenvolvida em aulas com aproximadamente uma hora e meia de duração, em espaço adequado, silencioso, com acesso pleno à internet, computador particular, impressora, dedicação exclusiva do professor e apoio com materiais didáticos.

O novo desafio do ingresso na pós-graduação

No final de 2020 e início de 2021, participei de um processo seletivo para ingressar na pós-graduação e realizar o doutorado em Música – Educação Musical. Contudo, foi muito difícil conseguir manter o foco para estudar. Nesse período aconteceram os processos de adoecimento do meu pai, em seguida, da minha mãe com COVID-19 e por fim, às vésperas do prazo para entrega do projeto, precisei internar para a realização do procedimento cirúrgico emergencial devido a uma apendicite. Na situação, uma das últimas conversas que tive com

minha companheira, que estava comigo no hospital foi, “e o processo seletivo?”. Sua resposta foi uma imediata e rigorosa advertência de que tudo o que importa agora é a saúde. Naquele momento, precisei fazer um esforço para desistir do processo e destinar toda a atenção para os cuidados com a própria vida. É óbvio que “sem vida” não poderia haver projeto algum. Por fim, correu tudo da melhor forma no procedimento e como havia ainda tempo hábil, em processo de recuperação, precisei de coragem para retomar, e ao fim de tudo, ainda ser aprovado na Pós-Graduação.

Nós na garganta: algumas discussões pertinentes

No início da nossa experiência brasileira na pandemia causada pela doença do Sars-Cov-2 era comum depararmos com a ideia de que este poderia ser “um tempo de esperança e solidariedade” em que poderíamos “nos tornar melhores do que éramos antes”, ou até mesmo que seria um tempo de autocuidado. Passados aproximadamente um ano e meio, o que chama a atenção, no entanto, é mais um estado de naturalização das condições impostas por ela, do que os prenúncios descritos acima. Em meio à necessidade de distanciamento social e trabalho remoto, às mais de seiscentas mil mortes, falta de vacinas, a reabertura gradual de escolas e atividades econômicas, além de irrisórios trezentos e setenta e cinco reais⁸ no valor máximo pagos como auxílio emergencial por família, os caminhos pelos quais a gestão da pandemia, em nível nacional, tem nos conduzido, contribuem para uma realidade caótica e o aumento generalizado da sensação de insegurança, ansiedade e medo.

O que se vê é uma grave crise sanitária em que o tratamento de quaisquer outras doenças fica comprometido. Estamos abalados psicologicamente e emocionalmente, também. Algumas organizações como a ONU, alertam desde meados do ano de 2020 sobre a necessidade de intensificar os cuidados com saúde mental⁹, mas no Brasil, em um sentido oposto, o governo federal buscou por mais de uma vez, em plena pandemia, revogar cerca de cem (100) portarias que regulamentam o tratamento de saúde mental no sistema único de saúde¹⁰ (SUS). Isto causaria a desestruturação de redes de apoio e de reintegração social

⁸ <https://g1.globo.com/economia/auxilio-emergencial/noticia/2021/03/23/auxilio-emergencial-2021-veja-perguntas-e-respostas.ghtml>

⁹ <https://www.paho.org/pt/noticias/14-5-2020-onu-destaca-necessidade-urgente-aumentar-investimentos-em-servicos-saude-mental>

¹⁰ <https://www.cartacapital.com.br/politica/governo-bolsonaro-ameaca-de-novo-desmanchar-politica-de-saude-mental/>

sobretudo para as pessoas em maior e mais complexas situações de vulnerabilidade. Potencializaria ainda mais o agravamento das experiências de violência e sofrimento, que na pandemia já são maiores em decorrência do aumento de casos de violência doméstica, laborais e do sofrimento causado pelas constantes perdas de entes queridos (DUNKER, 2020). Maiores também são os riscos de adoecimento mental causado pelas muitas adversidades enfrentadas pelos músicos e musicistas e que foram drasticamente agravadas pelos atravessamentos da pandemia (LOURO, et al., 2020). É neste cenário em que estamos inseridos, ainda que em condições desiguais, que se faz necessário enfatizar os entrelaçamentos das condições pandêmicas no cotidiano.

No caso da prática musical no coletivo de candombe, estando afastados das ruas e das práticas musicais desde o início da pandemia, o cansaço generalizado estava se tornando cada vez mais perceptível e presente. Com efeito, muitos assuntos discutidos no coletivo acabavam por se desdobrar em debates estressantes. E isso ocorreu desde as discussões sobre a busca por uma identidade visual até a avaliação recente da possibilidade de retomarmos a principal finalidade do agrupamento que é fazer música na rua. A falta de consenso sobre este último debate frente a flexibilização das restrições de isolamento a mensagem política que pode se passar com a possível promoção de aglomeração resultou em uma fragmentação no grupo, inicialmente composto por oito pessoas, com a saída de duas para a criação de um outro espaço para a prática musical presencial. Houve um abalo nas nossas estruturas, inclusive nas relações de amizade, mas os dois projetos, agora, seguem firmes.

Já nos contextos do trabalho, no IFRS, tem sido possível constatar principalmente a partir dos relatos dos estudantes do ensino médio, uma sensação de atraso em relação “à vida” e o aumento significativo dos casos de ansiedade. Nestes casos, infelizmente, estamos trabalhando com a lógica de aceleração dos estudos na qual os estudantes estão cursando dois anos em um. Há ainda os casos de estudantes já aprovados em cursos de graduação, que possuem um certo prazo para a entrega de documentos comprobatórios de término do ensino médio.

A produção de conhecimentos artísticos, que dependem de tempo transcorrido em um processo educativo, encontra muitos limites nestas condições de “aprendizagem acelerada”. Se em outros contextos é fato que a arte está “salvando a pandemia” com o acesso a filmes, séries, música, *lives* e tempo destinado ao aprendizado de algum instrumento musical, neste outro, principalmente com o retorno e aceleração do calendário acadêmico,

ela parece estar perdendo espaço para tantas “atividades acumuladas”. A música como componente que integra a área de linguagens e suas tecnologias, tem sido desenvolvida de forma colaborativa com os estudantes de ensino médio com elaborações de murais de discussão em que os assuntos têm partido da própria interação com eles. Entendendo como indissociáveis a metodologia e o conteúdo, a música é compreendida como prática social no emaranhado do cotidiano, em alinhamento a um sentido apresentado por Souza (2009), repleta de significados culturais. Os estudantes de ensino médio desta instituição, têm sido provocados, bem como gerado outras provocações a partir de trabalhos como o de Helena Lopes da Silva (2009) em que a autora discute a construção das identidades musicais a partir das experiências sociais, e ainda, a partir de trechos de matérias e postagens na internet. No entanto nestes casos em que temos que trabalhar com a “aceleração” dos estudos, a música acaba por se tornar “apenas questões” em uma das diversas provas que precisam realizar para serem aprovados, e deixa-se de lado o processo, os debates, as argumentações, audições, partilhas etc.

Após passados alguns meses desde a suspensão do calendário acadêmico em 2020, nos vimos em meio a buscas, por parte do coletivo de servidores, por um currículo orientado para o momento presente em que se pudesse respeitar as novas temporalidades tensionadas pelas necessidades do trabalho remoto e a realidade cada vez mais precária da maior parte dos estudantes. Muitos, por exemplo, ingressaram no mercado de trabalho para ajudar nas contas de casa devido ao aumento dos casos de desemprego nas famílias. Contudo, como uma “resposta à sociedade” os novos rumos do ensino emergencial acabam por configurar na prática uma tentativa de “adaptação” do formato presencial para o não presencial.

Essa adaptação, por si tem causado dificuldades e maior carga de trabalho. Gohn, endossa que “não houve o devido tempo para planejamento, preparação de materiais, para o aprendizado sobre as tecnologias envolvidas e principalmente sobre as pedagogias inerentes ao trabalho à distância.” (2020, p. 153). Sobretudo no trabalho com música, são comuns os casos de dificuldades na utilização de serviços remotos disponíveis para a transmissão musical e qualidade do áudio, além de interrupções nas apresentações (GOHN, 2020). O impacto da falta de conhecimento e de acesso à boas condições de transmissão, decorrentes da necessidade de uma mudança muito rápida para um modelo totalmente remoto pode ser sentida em todos os espaços em que desenvolvo atividades musicais. No projeto do sarau, relatado anteriormente, houve diversas apresentações em que, de forma constrangedora,

não foi possível contar com a participação de convidados devido ao péssimo sinal de internet. Em uma oficina com uma percussionista, foi impossível captar e transmitir a reprodução dos instrumentos de percussão e em algumas apresentações de violão e voz, impossível a captação e transmissão dos violões. Compreendemos, que as tecnologias de captação e transmissão de áudio que geralmente temos em nossas casas, foram desenvolvidas para os parâmetros da voz falada (GOHN, 2020) e nos casos acima, não havia alternativas viáveis.

Em virtude dos atropelos causados pela pandemia nas nossas vidas, são diversos os nossos desafios. As intercorrências graves com pessoas muito próximas como meu pai, mãe, mesmo comigo e ainda com a saúde da minha companheira, tornaram ainda mais pesadas a carga de trabalho semanal, a frequência de exposição frente às telas e a dificuldade de separar casa e trabalho, na realidade do trabalho remoto. São atravessamentos desafiadores para a organização e realização de outras experiências como aulas de violão e estudos da pós-graduação que, exigem grande autonomia e tempo para as “minhas próprias atividades”. Venho sentindo, portanto, a necessidade urgente de descansar para poder seguir em frente.

Considerações finais

A pandemia “engoliu muitos sonhos”. Disse um amigo músico e compositor que precisou cancelar o projeto de gravação das suas canções e parar com as aulas de música que estava fazendo por ter de escolher entre isto ou comprar roupas, comida e pagar a conta do celular. Ao refletir sobre as relações cotidianas de produção e aprendizagem musical, penso no quanto é fundamental problematizar as condições que permitem que apenas alguns a desenvolvam enquanto outros precisam fazer escolhas que já devíamos ter superado em tempos “normais”. Como alguém disse: “estamos na mesma tempestade, mas em barcos diferentes”. Apresentei, portanto, relatos de experiências desiguais da vivência musical na pandemia, e, ao mesmo tempo, busquei reafirmar: a música e aprendizagem musical são práticas indissociável das experiências socialmente vividas.

Por vezes, no exercício desta elaboração, lembrei do cantor Belchior quando em outro tempo sombrio da nossa história, dizia: “Não me peça que lhe faça uma canção como se deve: correta, branca, suave, muito limpa, muito leve”¹¹. Por isso, busquei imprimir os sentimentos frente aos tempos que estamos vivemos, desatando os nós na garganta na esperança de

¹¹ BELCHIOR. Apenas um rapaz latino americano. Alucinação, Universal Music LTDA, São Paulo: 1976.

discutir compartilhar sonhos coletivos de tempos melhores, com a indignação necessária para não naturalizar as condições críticas como as que estamos vivendo.

Referências

DUNKER, Christian. Fim de política de saúde mental traz mais sofrimento e risco de violência. *Blog do Dunker*, 11 de dezembro de 2020. Disponível em:

<<https://www.uol.com.br/tilt/colunas/blog-do-dunker/2020/12/11/revogasso-na-saude-mental.htm>>. Acesso em: 15 jul. 2021.

GOHN, Daniel Marcondes. Aulas on-line de instrumentos musicais: novo paradigma em tempos de pandemia. *Revista Tulha*, Ribeirão Preto, v. 6, n. 2, p. 152-171, julho a dezembro de 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revistadatulha/article/view/170749> . Acesso em: 15 jul. 2021.

LOURO, Viviane; LOURO, Fabiana dos Santos; DUARTE, Plinio Gladstone. O estresse gerado pela pandemia como risco para adoecimento mental e físico do músico a partir das neurociências cognitivas. *Revista Música*, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 379-396, dez. 2020. Disponível em: < <https://www.revistas.usp.br/revistamusica/article/view/178817>> . Acesso em: 15 jul. 2021.

SILVA, Helena Lopes da. Música, juventude e mídia: o que os jovens pensam e fazem com as músicas que consomem. In: SOUZA, Jusamara (Org.). *Aprender e ensinar música no cotidiano*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 39-57.

SOUZA, Jusamara. *Aprender e ensinar música no cotidiano*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2009.